

Literatura guineense: pensamento de Amílcar Cabral na construção da identidade da nação

Eduardo David Ndombele

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-6267-6300>

RESUMO

O artigo descreve a representação do pensamento de Amílcar Cabral como fator de influência para a resistência contra o colonismo e como meio de tomada de consciência para uma reivindicação da independência da Guiné e de Cabo Verde por isso o artigo tem como objectivo sintetizar as dimensões poéticas, lírica e combativa de Amical Cabral. Para a realização deste trabalho, a pesquisa bibliográfica será a nossa metodologia privilegiada. Faremos também uma leitura analítica dos poemas publicados pelo autor. Finalmente a influência de pensamento de Amílcar Cabral, culminou com o reconhecimento da independência da Guiné-Bissau pelo Estado português.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura; Guiné; Pensamento; Identidade; Amílcar Cabral.

Guinean Literature: Amílcar Cabral's Thought on the Construction of the Nation's Identity

ABSTRACT

The article describes the representation of Amílcar Cabral's thought as a factor of influence for the resistance against colonism and as a means of raising awareness for a claim to the independence of Guinea and Cape Verde, so the article aims to synthesize the poetic dimensions, lyrical and combative by Amical Cabral. For the accomplishment of this work, the bibliographical research will be our privileged methodology. We will also do an analytical reading of the poems published by the author. Finally, the influence of Amílcar Cabral's thought culminated in the recognition of Guinea-Bissau's independence by the Portuguese State.

KEYWORDS

Literature; Guinea; Thought; Identity; Amílcar Cabra.

ISIFINYEZO

thonya lokumelana nekoloni kanye njengendlela yokuqwashisa ngesidingo sokuzimela kweGuinea neCape Verde. Ngakho-ke, i-athikili ihlose ukuhlenganisa ubukhulu benkondlo, ingoma kanye nokulwa kwe-Amical Cabral. Ukwenza lo msebenzi, ucwaningo lwe-bibliographic kuzoba indlela yethu esiyilungelo. Sizophinda sifunde ngokuhlaziya izinkondlo ezishicilelwe ngumbhali. Ekugcineni, ithonya lokucabanga kuka-Amílcar Cabral lafinyelela umvuthwandaba ekuqashelweni kokuzimela kweGuinea-Bissau nguMbuso wamaPutukezi.

AMAGAMA ANGUKHIYE

Imibhalo; iGuinea; Umcabango; Ubunikazi; Amilcar Cabral.

INTRODUÇÃO

“Jurei a mim mesmo que tenho que dar a minha vida, toda a minha energia, toda a minha coragem, toda a capacidade que posso ter como Homem, até ao dia em que morrer, ao serviço do meu povo na Guiné e Cabo Verde. Ao serviço da causa da humanidade, para dar a minha contribuição na medida do possível, para a vida do homem se tornar melhor no mundo. Este é o meu trabalho.” (CABRAL,2000,p 13)

O presente artigo é uma tentativa de uma reflexão e uma forma de responder ao convite da Revista Njinga & Sepé na vertente da temática livre tendo em vista as distintas abordagens que mobilizam personagens ou eventos. nesse prisma de ideias, trouxemos para a reflexão a Literatura Guineense em língua portuguesa, à partida acreditávamos que a tarefa não seria fácil. Interessou-nos, refletir o impacto da literatura guineense fruto de uma discussão com os estudantes do 2º ano do curso de Ensino de Língua Portuguesa na disciplina de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa no Instituto Superior de Ciências de Educação do Uíge, (Angola) através do pensamento de Cabral na construção da identidade da Nação, demonstrando que o estudo da poesia e da ficção, enquanto espaços privilegiados da revelação pragmática dos sonhos do Homem, pode dar um contributo fundamental à apreensão da representação identitária e da efetiva História da Nação Guineense.

Amílcar Cabral, foi um líder visionário e carismático, e exercia uma certa supremacia entre os dirigentes nacionalistas das colônias portuguesas, a ponto de ser ele a dirigir uma delegação que foi recebida pelo Papa Paulo VI em 1970. A sua liderança era muito respeitada e admirada, e isso lhe deu a oportunidade de ser o primeiro líder de um movimento independentista a discursar perante o conselho de segurança das Nações Unidas, e, dois meses depois, a Guiné-Bissau seria o primeiro território colonizado e em guerra contra a colonização a ser visitado pela Comissão de Descolonização das Nações Unidas. (CASSAMA, 2014)

Na visão de Abadia (2016) apud PAIGC, (1974), Amílcar Cabral, foi um importante teórico e prático da libertação africana, responsável pela mais bem-sucedida adaptação do marxismo crítico e criativo à realidade africana; contra o regime de espoliação colonial nas ex-colônias portuguesas. Cabral se ergueu com a crítica das armas e as armas da crítica para conduzir à vitória o Partido Africano da Independência de Guiné-Bissau e Cabo-Verde.

O presente artigo comporta 4 secções. A primeira, apresenta o contexto das ideias de Amílcar e a divisão geográfica da Guiné Bissau. Em seguida, o perfil de Amílcar

Cabral, os poemas de Amílcar Cabral, alguns depoimentos de várias personalidades sobre Amílcar Cabral e finalmente, apresenta-se a conclusão.

1. Situação geográfica da Guiné e o contexto das ideias de Amílcar Cabral

A Guiné Bissau, fica situada na costa ocidental de África, subsariana e tropical, limitada a oeste pelo Oceano Atlântico, a norte pelo Senegal, a sul e este pela Guiné Conakry, a Guiné-Bissau tem uma superfície de 36.125 km² e é constituída por uma parte continental e outra insular, que integra algumas dezenas de ilhas do arquipélago dos Bijagós.

Em termos administrativos, a Guiné-Bissau está dividida em 3 Províncias: Província Norte, Província Este e Província Sul e num sector autónomo, o sector autónomo de Bissau, equivalente a uma região administrativa. As Províncias subdividem-se em oito regiões. A norte, há as regiões de Biombo, Cacheu e Oio. A sul, Quinara e Bolama / Bijagós. E a este, as regiões de Bafatá e Gabu. Por sua vez, as regiões subdividem-se em 36 sectores.

Os três principais grupos populacionais do território são: a) Os Balantas, que constituem o maior grupo do país. É um grupo étnico sem nenhum sistema de reinado, não existe nenhuma forma de diferenciação na base da propriedade, não havendo uma autoridade ou poder coercitivo. Os chefes de aldeia não têm mais prerrogativas que os outros membros da comunidade senão por motivos familiares.

A família é a única unidade política e econômica. Tal fato não afeta e nunca afetou a enorme capacidade de resistência dos Balantas. Povo bastante demarcado recusou durante muito tempo as trocas comerciais com os europeus e foi dos que mais perda infligiu aos soldados das campanhas de “pacificação”. São conhecidos como grandes produtores de arroz, produto de que sempre foram os principais fornecedores das etnias vizinhas. b) Os Fulas, segundo maior grupo étnico da Guiné-Bissau, são agricultores sedentários. Na primeira fase da colonização mantiveram cooperação com as autoridades coloniais, o que teve fim com a introdução de pagamentos de taxas. c) Os Mandingas, terceiro maior grupo étnico do país, constituem um sub grupo dos fulas. Praticantes de religião tradicional manifestam, no entanto, práticas islâmicas provenientes dos fulas. Além dos três grandes grupos étnicos é de destacar a presença do Papel (Pepel), cujos reis foram dos que mais marcaram a História da presença colonial na Guiné-Bissau.

Além desses grupos principais existem ainda sub-grupos como: Balantas (Balantas, Balantas Mané, Cunantes ou Mansoancas), Fulas (Fulas-pretos, Fulas-forros,

Fulas-fulas, Fulas do Togo (Torancas, Tucurores), Fulas do Boé (Boencas)), Manjacos, Mandingas, Papéis, Brames ou Mancanhas, Beafadas, Bijagós, Felupes, Baiotes, Nalus, Saracolés, Sossos, Pajadincas, Acancas, Cassangas, Banhuns, Alofos, Tandas, Bambarãs, Sereres, Landumãs, Bagas. E como consequência temos várias línguas faladas em Guiné Bissau : o crioulo; o fula (futa-fula, fula-forro, boinca, gabunca); o balanta (balanta-mané, mansuanca, balanta-cuntoe); o brame (manjaco, papel, mancanhe); o mandinca (mandinga, biafada, oinca, sussu, saraculê, djacanca, padjadinca); o felupe (djola); o baiote; o cassanga; o banhum; o bijagó; o nalu; o cobiana e o cocoli. E o português, língua oficial.

Por sua heterogeneidade, falar da sociedade guineense (ou sociedades guineenses) com alguma profundidade é difícil. A Guiné já mereceu os epítetos de “mosaico étnico ” ou “Babel Negra” de alguns autores, justamente por sua extrema diversidade humana. Com grande variedade de grupos de línguas, costumes e hábitos, vivendo em território pequeno (36.125 km²), era natural que essa coexistência apresentasse seus momentos de fricções. É importante, porém, observar que, em determinadas ocasiões, os portugueses souberam aproveitar-se da situação para obter aceitação e ajuda de uns em relação a outros. Naturalmente isso influenciou na forma que cada um enxergava a situação colonial. (Ndjain 2012 p.33)

No campo político, é destaca-se a integração do território como distrito da província de Cabo Verde (Os rios grandes da Guiné do Cabo Verde) em 1466, mantendo-se sob sua jurisdição até 1879. A desanexação da Guiné-Bissau da administração caboverdeana em 1879 comprometeu seriamente a posição de Portugal no território, uma vez que esta Guiné, apesar do nome, não era portuguesa, mas também já não era da responsabilidade de Cabo Verde.

À memória de Amílcar Cabral associam-se algumas ideias bem consolidadas na literatura histórica. Uma delas é o lugar central que Amílcar Cabral teria ocupado na instauração de um pensamento de resistência revolucionária anticolonial. Outra, complementar à primeira, diz respeito ao seu papel central na condução das lutas de libertação e independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde.

Há 50 anos, em 1973, por instigação da ditadura portuguesa, Amílcar Cabral (1924-1973), uma das principais figuras das lutas anticolonialistas, morreria poucos meses antes das independências da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, pelas quais lutou. Amílcar Cabral, agrônomo de formação, percorreu a Guiné-Bissau e Angola, permitindo-lhe granjear uma experiência e conhecimento complexo do mundo rural. Cabral foi um

dos fundadores do Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC), o PAIGC gradualmente se reorientou para a luta armada nas áreas rurais e a partir da segunda década de 1960, grande parte do território da Guiné-Bissau despertou-se para uma tomada de consciência

O pensamento de Amílcar Cabral tem sido justamente comparado ao de Frantz Fanon (1925-1961), em particular pela sua abordagem na cultura e no pan-africanismo, bem como na crítica ao neocolonialismo. A denúncia de Cabral à colonização é duplamente radical, na medida em que constitui uma rejeição global, definitiva e detalhada, e que afirma (e construiu) a resistência original dos povos africanos. Assim, disse sem rodeios o líder da independência,

A luta armada pela independência da Guiné Bissau e Cabo Verde sob a liderança de Amílcar Cabral. Durou de 1963 a 1974. A ação de Amílcar Cabral e seu partido PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné Bissau e Cabo Verde) envolvia projecto de unidade entre as duas colônias portuguesas de então o, Guiné Portuguesa e Cabo Verde. O objetivo era de construir um só país, após a conquista de independência, (NDJAI,2012).



2. Perfil do Poeta

Amílcar Lopes da Costa Cabral, nasceu em Bafatá na Guiné-Bissau, a 12 de Setembro de 1924. Amílcar Cabral era filho de imigrantes cabo-verdianos que, numa época de dificuldades em Cabo Verde, relacionadas com a seca, partiram em busca de oportunidades de trabalho, no início da segunda década do século passado. Juvenal Lopes Cabral, o pai, era natural da Ilha de Santiago, cidade de Praia, e a mãe, Iva Pinhel Évora, natural da Ilhada Boa Vista. Os dois se conheceram na Guiné.

Amílcar Cabral terá concluído a sua graduação em 1952, Cabral fez o Liceu em Cabo Verde. Seguiu depois para Lisboa. No primeiro ano, destacou-se pelo desempenho a Matemática, foi precisamente nesse espaço escolar onde se aproximou da colega Maria Helena Rodrigues, a despeito do racismo presente na sociedade portuguesa: «Estás a falar muito com o preto», ouviu então Maria Helena, que acabaria por namorar e depois casar.

Como se sabe a base da constituição do povo Cabo verdiano assenta-se nos movimentos migratórios. As intermitentes crises de seca, que sempre castigaram a vida dos habitantes do Arquipélago, foram enfrentadas com a consequente partida da terra natal. Entretanto, a origem social de Amílcar Cabral, do lado paterno, pelos padrões da

época, não era das piores no Arquipélago. Juvenal Lopes Cabral, na infância, gozou da oportunidade de ter sido mandado a Portugal pela família adoptiva. Aos nove de idade, já estava na Europa, para cursar os estudos primários e, em seguida, entrar no seminário de Viseu, para o sacerdócio. Um início de formação intelectual para poucos, de um homem que teria depois uma grande influência na formação de seu filho. (NDJAI 2012).

Influenciado pelo movimento Claridade, a primeira fase da poesia de Cabral ficou marcada pela denúncia do drama, da seca, da fome, miséria e abandono a que tinha sido vetado o homem e o arquipélago, pela mão do homem (neste caso Portugal). veículo que terá influenciado também o Amílcar Cabral foram as publicações do Jornal *Legitime Defense* em 1932, pelos negros antilhanos de Paris, denunciando as injustiças sociais praticadas pela colonização francesa nas Antilhas e o movimento da Negritude através da fundação do órgão *L'Etudiant Noir* em 1934 por Leon Damas, Aimé Césaire e Leopold Senghor, para difundirem numa orientação exclusivamente literária, os valores da alma africana”, os costumes, as crenças, as artes e a literatura, com o fim de defenderem o esmagamento cultural e da alienação, levados a cabo pela cultura francesa.

Enquanto espaço e instrumento de consciencialização, a Claridade marcou o início da modernidade literária cabo-verdeana, desvinculando-a dos parâmetros portugueses/europeus, tanto nos conteúdos e na forma (modelos de métrica e rima) como também na linguagem, uma vez que recorreu várias vezes à escrita em crioulo. Foi Mário Pinto de Andrade através da obra *Anthologie de la Nouvelle Poésie Nègre et Malgache*, de Senghor, quem introduziu no meio estudantil português a negritude por volta de 1948.

O papel do estudante africano foi mais um reflexo da mudança para um discurso negrista e africano ao mesmo tempo. Caso para dizer que “Agora é o novo negro que surge entre duas guerras, consciente dos problemas e da sua particular alienação, alienação colonial e reivindica o seu lugar nos quadros da vida económica, social e política.

A publicação do Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa, produzida pelo Centro que não contou com a participação de Cabral nem de nenhum texto A ausência de uma representação cabo-verdeana pode ilustrar um conflito existente entre os participantes do Centro em considerar a cultura cabo verdeana como africana ou portuguesa: “ Os estudantes cabo verdeanos na Metrópole têm estado divididos acerca do carácter regional do povo crioulo: português ou africano?”.(LARANJEIRA,200) ¹

¹ Laranjeira, J. L. Pires - Negritude Africana de língua portuguesa. Textos de apoio (1947-1963). Braga: Angelus Novus, 2000, p.14.

Amílcar Cabral teve como base de formação escolar portuguesa, estudou nas escolas coloniais e depois se formou como engenheiro agrônomo no ensino superior em Lisboa cuja base curricular e as práticas educacionais reforçavam ideologias, valores, costumes e civilizações do “modo de ser português”. Mesmo com essas ambivalências e os paradoxos na construção do pensamento intelectual e político desse revolucionário, conseguiu construir a consciência crítica da revolução e ressignificou os conhecimentos e saberes adquiridos nas escolas coloniais a favor do serviço do povo colonizado (MENDES, 2022) ²

O projeto da unidade Guiné-Bissau e Cabo Verde teve oposição tanto por parte dos nacionalistas guineenses assim como cabo-verdianos, mas Amílcar Cabral levou adiante o projeto, pois ao concretizar-se, quebraria com as concepções ocidentais de um Estado-nação homogêneo e ainda defendia que “a maior asneira que se podia fazer na nossa terra seria criar na Guiné, partidos ou movimentos na base de etnias (CASSAMA, 2014)

Amílcar Lopes Cabral teve um percurso único entre todos os líderes independentistas do continente africano. Filho de país cabo-verdiano nasceu na Guiné-Bissau, passou a adolescência em Cabo Verde e estudou Agronomia em Portugal, tendo voltado para a Guiné que até então conhecia pouco, para trabalhar como Engenheiro Agrônomo a serviço do Governo português. Esta trajetória permitiu a Amílcar Cabral acumular experiência e conhecer de perto a realidade dos dois países pelo qual lutou, e também conhecer a realidade do país colonizador, nesse caso Portugal. Amílcar Cabral foi o único líder independentista da chamada “África portuguesa”, que conhecia profundamente os países e as populações que ele e o seu Partido lideravam na luta pela independência.

3. Os poemas de Amílcar Cabral

A poesia como qualquer manifestação artística, e apesar de toda a característica individual, emanante da personalidade do poeta, é necessariamente um produto do meio em que tem expressão. Quer dizer: por maior que seja a experiência do próprio indivíduo sobre a obra que produz, esta é sempre, em última análise, um produto do complexo social em que foi gerada. (CABRAL, 1976 apud MENDES, 2022).

² Cabral obteve uma bolsa de estudo para Lisboa, em virtude do seu brilhante percurso como estudante. Lá se formou em agronomia pelo Instituto Superior de Agronomia. Durante a sua estadia na Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, Amílcar conheceu numerosos estudantes universitários oriundos das colônias, entre os quais os angolanos António Agostinho Neto e Mário Pinto de Andrade, o são-tomense Francisco José Tenreiro, o moçambicano Eduardo Mondlane dos Santos.

Segue o teu rumo irmão

Segue o teu rumo irmão:

Para além dos montes que sangram

Há planícies sem fim onde reina a Vida.

Da terra redimida libertada brota flores perfumadas o saboroso Pão. (...)

Segue o teu rumo irmão:

Para além de um Sol já velho e defraudado

há um puro Sol cruzando os infinitos vivificando a Vida.

São hinos celestiais o rir dos pequenitos de crianças

crianças Que a diria e a fome e o frio não maculam na estrada matizada de esperanças.

(...)

Ouve-me a voz Irmão: Para além das palavras de um verso

Há cantos que são Poemas há poemas que são Vida e que eu não sei compor)

Segue o teu rumo Irmão: Na luta desigual escreverás o teu Poema E deixarás ao mundo
ao Universo a obra de um Amor –

Que amanhã na planície conquistada da terra redimida Libertada os Homens irmanados
colherão o saboroso Pão

S/D

Para ti, Mãe Iva³

Eu deixo uma parcela

Do meu livro de curso...

P'ra ti, que foste a estrela

Da minha infância agreste,

P'ra ti, Mãe, que me deste

A tua alma viva

E o teu amor profundo

Maior que o próprio mundo!

Aceita este tributo,

Que tudo quanto eu for,

Será do teu amor

- Tua carne, Mãe, teu fruto!

Sem ti, não sou ninguém,

Só sou – porque és Mãe!



Rosa Negra

Chamam-te Rosa, minha preta formosa

E na tua negrura

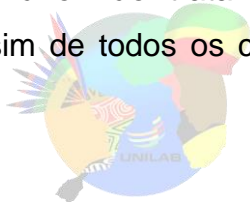
Teus dentes se mostram sorrindo

Teu corpo baloiça, caminhas dançando,

³A designação deste poema é «Para ti, Mãe Iva», da autoria de Amílcar Cabral, é constituída por 14 versos numa estrofe única. Trata-se de uma composição poética que versa a temática cuja musa é a Mãe. Trata-se de um "hino" a mãe a quem tudo deve nas palavras dele. Pois.

Minha preta formosa, lasciva e ridente
Vais cheia de vida, vais cheia d'esperança,
Em teu corpo correndo a seiva da vida,
Tuas carnes gritando
E Teus lábios sorrindo...
Mas temo a tua sorte na vida que vives,
Na vida que temos...
Amanhã terás filhos, minha preta formosa
E varizes nas pernas e dores no corpo;
Minha preta formosa, já não serás rosa,
Serás uma negra sem vida e sofre,
Serás uma negra e eu temo a tua sorte.
Minha preta formosa
Não temo a tua sorte.
Que a vida que vivemos não tarde a findar...
Minha preta formosa amanhã terás filhos,
Mas também...
...amanhã terás vida!

Pode-se notar nesses poemas a universalidade da poesia de Amílcar Cabral nesta fase específica o poeta revolucionário não trata apenas da realidade do cotidiano caboverdiano, terra ancestral mas sim de todos os cantos do mundo, principalmente do continente africano.



O adeus à tapada

Adeus, Tapada:
Na hora triste deste despedida
Erguem-se os braços da «malta» camarada
E em gestos saudosos, a alma dolorida,
Dizem-te «adeus» ...
Tu foste, amiga, o ambiente delicioso
Onde brotou a flor dos nossos sonhos...
E à sombra doce do teu jardim frondoso
Connosco sentiste
As horas mais tristes
E as horas alegres dos dias risonhos.
Adeus Tapada:
Partimos p'ra vida
Levando p'ra luta as armas que deste
As armas forjadas no teu Instituto.
Queremos na lida,
Queremos provar que nada perdeste
- que valeu a pena
Nós sermos teu fruto

Adeus Tapada:

Do ambiente discreto do teu miradouro
Contempla a partida destes filhos teus...
...e ouve, angustiada, a voz grito, o coro
Da «malta engenheira» que te diz «adeus» ...
E sofre connosco a saudade perversa,
Sofre em segredo:
- Que as folhas caídas do teu arvoredor
São lágrimas vivas que o vento dispersa!

Que fazer

Eu não compreendo o Amor
Eu não compreendo a vida
Mistérios insondáveis
Formidáveis
Mistérios que o homem enfrenta
Mistérios de um mistério
Que é alma humana
Eu não compreendo a vida a vida humana
Há luta entre os humanos
Há guerra
Há fome , e há injustiça imensa
Há pobres seculares
Aspirações que morrem
Enquanto os fortes gastam
Em gastos não precisos
Aquilo que outros querem...



“EU SOU TUDO E SOU NADA...”⁴

Eu sou tudo e sou nada,
Mas busco-me incessantemente
- não me encontro!
Oh farrapos de nuvens, passarões não a lado.
Levai-me convosco!
Já não quero esta vida,
Quero ir nos espaços
Para onde não sei.

⁴Sache. (2010) esclarece que a composição poética em análise, denominada «Eu sou tudo e sou nada» da autoria do mesmo autor «foi escrito no ano de 1944, é considerado o poema mais antigo do poeta, no livro de *Curso de Agronomia*» Trata-se de uma composição poética que versa a temática da busca do «eu» intimista, esta busca é feita pelo sujeito de enunciação através de termos contraditórios «eu sou tudo e sou nada»

Grito de Revolta

Quem é que não se lembra

Daquele grito que parecia trovão?!

É que ontem

soltei meu grito de revolta.

Meu grito de revolta ecoou

Pelos vales mais longínquos da Terra,

atravessou os mares e os oceanos,

transpôs os Himalaias de todo o Mundo

não respeito fronteiras,

e fez vibrar meu peito...

Meu grito de revolta fez vibrar

Os peitos de todos os Homens,

Confraternizou todos os Homens

e transformou a Vida...

...Ah! O meu grito de revolta que percorreu o Mundo, que transpôs o Mundo,
o Mundo que sou eu!

Ah! O meu grito de revolta que feveceu lá longe
na minha garganta! Na garganta-mindo de todos os
Homens.

A complexa e dramática realidade socioeconômica da história de Cabo Verde, despertou Amílcar Cabral para a percepção do meio social. E podemos dizer que foi a vivência, a experiência e identificação com Cabo Verde, que mais tarde levaram Amílcar Lopes Cabral a abranger o arquipélago no contexto da luta de libertação.

Na perspectiva de Sanche (2010) Trata-se de uma composição poética que versa a temática da busca do «eu» intimista, esta busca é feita pelo sujeito de enunciação através de termos contraditórios «*eu sou tudo e sou nada*» poeta mostra uma sensibilidade questionadora do «eu» ao meio envolvente «*e no registo de uma procura busca de si mesmo, que passa pela resolução dialéctica das contradições que enredam o poeta*» «*...busco-me incessantemente e não me encontro...*»

Ainda podemos notar que o sujeito poeta leva uma vida que não quer para si, por isso quer desaparecer para onde, nem ele mesmo sabe! «*...já não quero esta vida...para onde não sei*».

A composição poética em análise, pode ser considerada um poemeto em que o autor procura o seu «eu» interior psíquico em tom de prece prefigurada e dirigida às «nuvens» que simbolizam a Natureza que ainda o não atendeu. Apercebe-se o leitor, que o sujeito poético almeja e deseja uma mudança, diria que, radical na sua vida. Atentemo-nos nos versos: «*...Quero ir nos espaços / para onde não sei*». O que perpassa

fundamentalmente em todo o corpo do poema é uma espécie de inquietação existencial e uma angústia expressa pelo poeta na procura do seu «eu».

3. Alguns depoimentos de várias personalidades sobre Amílcar Cabral

Baseando-se em estudos de Sanche (2010) para muita gente Cabral foi um grande revolucionário, um guerreiro, um militar da liberdade da África, um chefe de um partido, um doutrinador político. O autor apresenta varias personalidades com destaqueo Leopold Sédar Senghor , Mário Fonseca, Gerald Moser e Oswaldo Osório.

Segundo Leopold Sédar Senghor “Amílcar Cabral não era ainda só um homem de cultura mais ainda um homem lúcido e de medida, mestiço no sentido mais nobre da palavra. Ele sabia e dizia que a verdade não era dada antes de tudo, ela nascia do diálogo, isto é, da confrontação, melhor ainda, da simbiose entre ideias e temas opostos. Entre cultura e a política poesia e a ciência, a teoria e a acção, o combate pela descolonização e a luta pela civilização do universal, criadora entre as duas formas de actividade” SANCHE,2010 p.49)

Ainda a mesma autora cita Gerald Moser onde afirmou o seguinte: *“Amílcar merece, contudo, ser chamado como um dos vários líderes africanos contemporâneos com veia poética, Senghor, Marcelino dos Santos em Moçambique, Neto em Angola e Lumumba no Zaire. Eles dão provas de que a pena do poeta pode ser manejada pelas mesmas mãos que empunham a espingarda do revolucionário: assim nos dias da renascença outros homens ora tomaram a espada, ora se serviram da pena”*. (Idem,2010)

Segundo Mário Fonseca: *“Amílcar Cabral não fez estudos formais de ciência e economia política, tampouco de sociologia e antropologia, de relações internacionais e ciências ou artes militares, todavia brilhou em todas essas áreas, afirmando-se ainda como brilhante pensador político-filosófico”*. *«Tendo vivido menos de meio século, e tido pouco tempo livre para se ilustrar enquanto autodidacta”*. *“A sua vida e a sua trágica e heroica morte encerram diversos mistérios, que talvez nunca venham a ser desvendados, e que solicitam e estimulam novas Investigações”*.(ibidem)

Oswaldo Osório afirma que *“Amílcar Cabral foi um engenheiro agrónomo distinto, celebrado, mais tarde como ideólogo, político, diplomata, líder revolucionário prestigioso e fundador de duas nacionalidades, e que não voou tão alto na poesia; porém, o seu talento poético, matriz do humanismo orientador de suas actividades, palpita na selecçãoque s e segue reúne, pela primeira vez, um razoável número de poemas, além de, na primeira parte, se dar a conhecer outros, que por razões atrás aduzidas não foram selecionados”*

Considerações finais

O presente estudo não trata de uma trajetória do Engenheiro agrônomo Amílcar Cabral mas procurou demonstrar sua relevância do contributo intelectual, político e literário para as independências africanas. Embora se questione em algum momento a verdadeira identidade de Amílcar entre a “Terra Natal” (Guiné-Bissau), e a “Terra Ancestral”(Cabo Verde).

A viagem pelas poesias e pensamento de Amílcar Cabral constituem o nosso *corpus permitindo assim aprender* os temas e as estratégias discursivas que cada escritor, cada poeta, foi produzindo, em prol de um objetivo comum: a construção de uma identidade nacional no meio de uma pluralidade étnica.

A consciência do papel da Literatura na construção da identidade nacional é uma realidade e ela palmilha cada linha escrita pelo autor. A influência de pensamento de Amílcar Cabral, culminou com o reconhecimento da independência da Guiné-Bissau pelo Estado português facto ocorrido em Lisboa, a 10 de Setembro de 1974, com a seguinte *Declaração*:

Em nome da República Portuguesa, nos termos do artigo 3.º da Lei n.º 7 /74, de 27 de Julho, e depois de aprovado o Protocolo assinado em Argel em 26 de Agosto de 1974, ouvidos a Junta de Salvação Nacional, o Conselho de Estado e o Governo Provisório, declara-se que Portugal reconhece solenemente a independência da República da Guiné-Bissau (Suplemento ao Diário do Governo, 1.ª série, de 11 /9 /1974).

Amílcar Cabral não viu a África e nem a Guiné-Bissau e Cabo Verde livres do colonialismo, o que se deve ao fato dele ter sido brutalmente assassinado no dia 20 de Janeiro de 1973 em Conacri. Fica-nos a certeza de termos procurado explicitar o pensamento de Amílcar Cabral na construção da identidade da Nação Fica-nos também a sensação da incompletude deste artigo.

Referência

ABADIA, Danubia. A rejeição revolucionária do colonialismo: Amílcar Cabral e a luta de libertação na Guiné-Bissau e em Cabo Verde. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 183, 2016.

CABRAL, Amílcar. A Guiné e as ilhas de Cabo Verde face ao colonialismo português. In: _____. *A arma da teoria*. Paris: François Maspero, 1975. p. 89. (Discurso originalmente proferido em 1961).

CASSAMA, Daniel Júlio. **Amílcar Cabral e a independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde**. [S.l.]: [s.n.], 2014.

MENDES, Leonel Vicente. **Poemas, colonialismo, neocolonialismo e luta anticolonial numa perspectiva histórica em Amílcar Cabral**. [S.l.]: [s.n.], 2022.

NDJAI, Tchernó. **O pensamento político de Amílcar Cabral: teoria e prática em momentos decisivos na libertação da Guiné-Bissau (1959-1969)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil, 2012.

SANCHE, Filomena. **Amílcar Cabral e o gosto pela literatura**. Cabo Verde: Universidade de Cabo Verde, 2010.

Recebido em: 12/06/2025

Aceito em: 22/06/2025



Para citar este texto (ABNT): NDOMBELE, Eduardo David. Literatura guineense: pensamento de Amílcar Cabral na construção da identidade da nação. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, São Francisco do Conde (BA), vol. 5, nº 1, p. 260-273, jan./jun. 2025.

Para citar este texto (APA): Ndombele, Eduardo David (2025). Literatura guineense: Pensamento de Amílcar Cabral na construção da identidade da nação. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, 5 (1), 260-273.